

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Cortando Fios, Unindo Laços: a Liga Operária de Piracicaba e a Greve Geral de 1919

Luiz Rafael Gomes*

Resumo: Através da observação de fontes da justiça, da imprensa local e da produção cultural do interior paulista, a pesquisa por hora apresentada visou compreender o complexo cotidiano dos trabalhadores da cidade de Piracicaba no início do século XX. O estudo dos depoimentos e declarações, relatórios oficiais, artigos jornalísticos e poemas caipiras proporcionaram-me o contato com um espaço de convívio onde trabalhadores urbanos dividiam suas experiências, expectativas e valores socioculturais com trabalhadores rurais, possibilitando a pesquisa, entre outras questões, abordar aspectos do processo de organização da greve geral de 1919, as diferentes lideranças políticas da Liga Operária de Piracicaba e o papel dos periódicos que observaram, noticiaram e condenaram os trabalhadores envolvidos com a organização grevista daquele ano.

Palavras-chave: Organização da Classe Trabalhadora – Cultura e Cotidiano – Imprensa

Abstract: The aim of this research is to understand the quotidian of the Piracicaba's workers at the beginning of century XX through the observation of justice's sources, the local press and the *paulista* cultural production. The study of declarations, reports, journalist articles and *caipiras* poems had provided me the contact with the local where urban workers shared their experiences, expectations and social and cultural values with rural workers. This article studied, among other questions, the process of the organization strike of 1919, the leadership of *Liga Operária de Piracicaba* and the press participation that noticed and condemned the workers involved with the strike of that year.

Keywords: Working Class Organization - Culture and Quotidian - Press

Havia anoitecido no dia 7 de Julho de 1919, e às 19 horas, os sócios da Liga Operária dividiam espaço com aqueles trabalhadores que embora não fossem associados, freqüentavam as reuniões da Liga e participavam de suas ações¹. A reunião na sede da Liga Operária durou aproximadamente duas horas e ficara combinado entre os presentes que, no amanhecer do dia seguinte, todos encontrar-se-iam ali novamente, para saírem pela cidade em manifestação, comunicando aos populares seus descontentamentos e o início da greve geral.

* Graduado em História pela Universidade Metodista de Piracicaba.

¹ Citações retiradas de: Centro Cultural Martha Watts – Arquivo Histórico, Processo Crime de Mario Passini e outros (réus), 1º Ofício, Caixa 56/C, 1919.

Após o término da primeira reunião, um grupo de operários se reuniu “a portas fechadas” para combinar os detalhes finais do plano que deveria ser iniciado em breve. Dois grupos foram criados e estes separaram-se para agirem simultaneamente.

O primeiro grupo, liderado por Mario Passini, dirigiu-se para o Bairro Alto, onde foram cortadas as linhas telefônicas da Companhia Bragantina que passavam pelos postes da Rua Moraes Barros, localizados em frente ao Cemitério Municipal. No mesmo momento, o segundo grupo, liderado por Ângelo Bragaia, dirigiu-se para a Rua da Palma, na Vila Rezende, onde foram cortados os fios da caixa terminal que ali existia e os fios que passavam pela Estrada do Matadouro.

Como destacou em seu depoimento, o funcionário da Companhia Bragantina, Estácio Damásio dos Santos, por volta das 22 horas, dirigiu-se à residência do gerente da Companhia, Manoel Galvão de França Pacheco, para avisá-lo da interrupção de parte das comunicações telefônicas da cidade de Piracicaba. Ao constatar, através de um funcionário, o corte dos fios do Bairro Alto, Pacheco mandou chamar imediatamente o delegado de polícia, Djalma Goulart.

Aproximadamente às 21 horas daquele mesmo dia, o “foguista” e “maquinista” da Fábrica de Tecidos Arethusina, Pedro Coelho Barboza, recebeu das mãos de um menino, o seguinte pedido, escrito a lápis em um pedaço de papel:

Sr. Pedro Coelho.

Os operários da Fabrica pedem ao Sr. o especial favor de não apitar amanhã para evitar qualquer descontentamento. Esperando serem atendidos somos muitos gratos.

Os operários da Fabrica

De imediato, o vigia dirigiu-se à residência do gerente da Fábrica de Tecidos, o inglês Thomas Eastwood, para contar-lhe o ocorrido, entregar-lhe o bilhete que tinha em mãos e para receber instruções do que fazer no dia seguinte.

Após tomar conhecimento do conteúdo escrito naquele pequeno pedaço de papel amarrotado, Thomas Eastwood orientou Coelho Barboza a ir trabalhar normalmente no dia seguinte. Depois saiu à procura do delegado de polícia da cidade, como deixou claro em seu depoimento realizado na delegacia. Eastwood fazia o que, como indicaram vários estudos sobre o período, era prática comum do patronato: recorrer à polícia quando da eminência de realizações de greves².

² Ver BATALHA, 2000: 13.

Na manhã do dia 8 de julho, os carroceiros e picareteiros da Câmara Municipal paralisaram seus serviços, declarando apoio à greve geral organizada pelos trabalhadores da Liga Operária. Também houve registro de trabalhadores paralisados no Engenho Central, no Engenho Central Monte Alegre, na Escola Agrícola e na Fábrica de Tecidos Arethusina, como fora noticiado pelos jornais que acompanharam o desenrolar dos fatos.³

Naquela manhã ainda ocorreu o enfrentamento entre cerca de 200 operários grevistas e a força policial do destacamento local, justificado no depoimento de alguns policiais como necessário, para se fazer dispersar a “massa de baderneiros”.

Assim, o que seria mais uma manhã comum de trabalho no gélido inverno de 1919 na cidade de Piracicaba foi o avesso da ordem: telefones incomunicáveis, palavras de ordem gritadas em meio às casas comerciais fechadas, fábricas com máquinas paralisadas, uma multidão de operários caminhando pela Rua São José, no centro da cidade, em direção à cadeia local e a polícia fazendo uso da força para dispersar os grevistas que exigiam do tenente comandante do destacamento local a soltura de alguns operários presos de madrugada.

Lideranças Identificadas:

revolucionários e reformistas dividindo o palanque.

O principal acusado de exercer a liderança na organização grevista chamava-se Mario Passini e ocupava o cargo de Primeiro Secretário da Liga Operária. Trabalhador da construção civil, Passini tinha 25 anos de idade, nascera na cidade de Indaiatuba (SP) e possuía pouca instrução.

Embora nascido no Brasil, Mario Passini era filho de pais imigrantes, vindos da Itália para o Brasil no fim do século XIX. Algumas questões imprescindíveis ficam sem respostas. Primeiramente questiono-me sobre qual a identidade étnica com que se definiam indivíduos que eram nascidos no Brasil, porém, pertencentes a grupos familiares imigrantes? Em que medida a influência cultural e política e os valores étnicos presentes na relação de núcleos familiares como os de Mario Passini se faziam presentes na formação dos indivíduos descendentes desses grupos?

Ficou muito claro no inquérito policial que à figura de Mario Passini tentou-se, de todos os modos, relacionar a imagem de um indivíduo agitador, anarquista, desordeiro e perigoso, um trabalhador “cabeça de greve”.

³ Ver: *Jornal de Piracicaba* e *Gazeta de Piracicaba* de jun-ago/1919.

Ao estudar Giulio Sorelli, TOLEDO (2004: 276) afirma que frequentemente a polícia

tinha dificuldade para compreender as posições que seus vigiados ocupavam no mundo heterogêneo da militância e tendiam a classificá-los como anarquistas, assim como mais tarde chamariam a todos de comunistas. Era um modo de reduzir a experiência ao mais conhecido, ou de justificar o próprio trabalho acentuando a periculosidade da pessoa em questão.

Seria errado então identificar Mario Passini como anarquista? Estariam os populares e os jornalistas da época reduzindo a complexa experiência sindical da Primeira República simplesmente ao anarquismo? Em que medida as publicações dos periódicos de Piracicaba podem ser responsabilizadas pela compreensão que a população demonstrava ter do movimento operário da cidade de Piracicaba?

Edilene Toledo contrapõe a consolidada historiografia que generaliza a ação operária da Primeira República como sendo predominantemente de ideologia anarquista e apresenta o que, a meu ver, pode ser compreendido como o possível alinhamento ideológico de Mario Passini: o *sindicalismo revolucionário*.

O *sindicalismo revolucionário* foi “uma corrente política autônoma em relação ao anarquismo e ao socialismo e se constituiu num movimento internacional que tinha como base a defesa da luta de classes, da ação direta dos trabalhadores, da autonomia operária e da neutralidade política do sindicato” (TOLEDO, 2004: 19).

Além de Mario Passini, a Liga Operária de Piracicaba também tinha no advogado João Silveira Mello uma reconhecida liderança. Silveira Mello era um respeitado advogado da cidade de Piracicaba do início do século XX. Sua residência era próxima de seu escritório, localizado à Rua Prudente de Moraes, 96. Neste mesmo endereço também funcionava a redação do jornal de circulação diária *A Tarde*, do qual Silveira Mello era redator chefe.

Assim como Evaristo de Moraes – que advogou pelos trabalhadores cariocas no início do século XX⁴ – João Silveira Mello mantinha nitidamente um discurso “legalista” e “pacifista” em relação às ações dos trabalhadores da Liga Operária.

Em 02 de Março de 1918, Silveira Mello assinou um editorial no jornal *A Tarde*, tratando sobre o direito do trabalhador de realizar a greve pacífica. O advogado iniciou seu texto afirmando que “a greve é[ra] um direito”, mas que “só pode[ria] ser praticado pacificamente”⁵.

⁴ Ver: MENDONÇA, 2004.

⁵ *A Tarde*, 02/03/1918, fl. 1.

A conclusão do texto de Silveira Mello traz importantes elementos para confirmarem o reformismo presente em suas palavras:

Conseguir do patrão, pacificamente, um aumento do salário – é um direito. Obrigá-lo, violentamente, por meio de ameaças, constrangimentos ou manobras fraudulentas – é um crime [...] Em uma palavra: há greve – escudo de defesa e há greve – arma de agressão. Greve lícita e greve ilícita. A primeira é tolerada. A última é odiosa. Deve ser combatida. Deve ser combatida energicamente⁶.

Cultura e Cotidiano

O presidente da Liga Operária chamava-se Antônio Campos Negreiros, indivíduo que curiosamente não participou em momento algum dos acontecimentos narrados no início deste artigo.

Campos Negreiros foi presidente da Corporação Musical União Operária durante pouco mais de dois anos. Segundo o livro ata da corporação musical, Antônio Campos Negreiros e sua diretoria tomaram posse em 20 de janeiro de 1917 e permaneceram com suas respectivas responsabilidades administrativas até 17 de agosto de 1919⁷.

Livia C. PAULILLO (2006) estudou recentemente a trajetória da Banda União Operária, desde sua fundação, em 1906 até o ano de 2006, quando completou 100 anos de existência. Embora a historiadora acredite que exista pouca relação entre a trajetória histórica da Banda União Operária e o movimento organizado dos trabalhadores de Piracicaba acredito que a ligação com o operariado piracicabano não está apenas no nome da corporação musical.

De acordo com Francisco F. HARDMAN (2002: 368),

a música, como não poderia deixar de ser, esteve sempre presente na trajetória do movimento operário. Não como fator decorativo, externo, mas como elemento constitutivo do ritmo das manifestações, desenhando formalmente os contornos do ritual político e fazendo o contraponto exato ao discurso verbal [...].

Para não basear-me apenas na historiografia existente, lançarei mão de uma notícia estampada nas páginas do jornal *A Tarde* de 30 de abril de 1918:

1º de Maio
Festejando o dia do trabalho, a Liga Operária realizará amanhã, às 17 horas, uma passeata pelas ruas da cidade. De manhã, haverá alvorada pela banda 'União Operária', que, à tarde, tocará no jardim público. A banda do maestro Suriam, que

⁶ Idem. *[Grifo meu]*

⁷ Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), Livro Ata da Corporação Musical União Operária, 2º livro (mai/1915-jan/1923), fl. 6/v.

*amanhã completa o seu 13º aniversário, entre outras peças, [executará] o Hino Operário e a marcha Tiro de Guerra 542, do prof. Mazagão*⁸.

Tal notícia evidencia a importante participação da Banda União Operária na organização dos festejos dos trabalhadores de Piracicaba durante o período por este artigo.

Em busca da compreensão do papel exercido por Campos Negreiros na sociedade piracicabana nas primeiras décadas do século XX, a pesquisa chegou a outra importante informação: Antonio Campos Negreiros era compositor de música caipira e participou no final da década de 1920, como compositor, da *Turma Caipira Cornélio Pires*, com a *moda-de-violão* “As três lágrimas”⁹.

Parte da obra de Campos Negreiros pode ser pesquisada no *Instituto Moreira Sales* e nos dicionários e enciclopédias que tratam sobre a música popular brasileira. Diversas autorias de músicas caipiras são atribuídas a Antônio Campos Negreiros, entre elas, posso citar, além de “As três lágrimas”: “Cabocla Malvada”, “Adoração”, “Italianinha”, “A Seca”, “Os três beijos do calvário”, “Brasil, terra de todos” e “Maria Rosa do sertão”, “Promessa”, “Saudação a São Paulo”, “Viva São Paulo”, “O Bandeirante Fernão” e “Caçador de esmeraldas”¹⁰.

A dicotomia entre os modos de vida urbana e rural se desfaz perante a pesquisa. Antonio Campos Negreiros, presidente da Liga Operária de Piracicaba e presidente da Banda União Operária, deixou registrado, através de suas composições, aspectos inerentes da vida dos *caipiras*, homens que viviam nos sítios e fazendas que ladeavam as cidades do interior paulista. Através de suas composições podemos notar a clara presença de valores sócio-culturais do mundo rural presentes nas palavras de homens que viviam no campo e eram trabalhadores das fábricas e oficinas da cidade ou – inversamente – moravam em pequenas vilas e cortiços urbanos e passavam o dia trabalhando na roça.

Silvia LARA (1998: 25-38) convocou os historiadores do trabalho a pensarem juntos a dicotomia do mundo urbano e rural no que tange a problemática do trabalho livre no início do século XX no Brasil. Como a autora demonstrou, existe um distanciamento entre os trabalhos historiográficos produzidos acerca do período de trabalho escravo – onde o espaço rural era predominante nas produções – e os trabalhos historiográficos acerca do trabalho livre, “para não dizer operário” – onde o meio urbano, com sua indústria nascente tornou-se o

⁸ *A Tarde*, 30/04/1918, fl. 2.

⁹ Ver: “<http://www.dicionariompb.com.br>” – consultado em 04/10/2006.

¹⁰ Ver: “<http://www.ims.com.br>” – consultado em 23/09/2006.

principal espaço estudado pelos historiadores do trabalho. Esse distanciamento, segundo a autora, conduziu a produção acadêmica brasileira acerca do trabalho – escravo ou livre – a deixar de lado a fronteira, muitas vezes tênue, que possibilitou o diálogo e a relação entre homens do campo e da cidade.

“Ataque Bolchevique”

A partir dos dados coletados nas inúmeras matérias, artigos e editoriais recolhidos dos jornais utilizados pela pesquisa, pretendo demonstrar como a imagem pejorativa do movimento operário piracicabano foi sendo construída pelos periódicos através das opiniões expressas pelos redatores dos jornais estudados.

O jornal anarquista *A Plebe*, em um artigo publicado no dia 26 de julho de 1919, criticou a postura da polícia perante a manifestação dos operários, a postura de parte dos trabalhadores piracicabanos, por terem se mantido indiferentes aos planos da Liga Operária e a imprensa de Piracicaba – “com exceção d’A Tarde” – pois,

*aplauiu, sem reservas, os crimes e banditismo policiais, assacando ao operariado as mais deprimentes acusações. Naturalmente não fez mais que o seu dever: paga para defender a canalhocracia de todos os matizes, ela provou dessa maneira que não é [era] ingrata para quem lhe sustenta os vícios e as imoralidades*¹¹.

Tomando cuidado para não fazer uma leitura literal da fonte produzida por jornalistas e escritores politicamente direcionados, o que comprometeria minha compreensão acerca dos objetos de pesquisa, iniciarei as discussões deste capítulo com uma questão: por que a imprensa piracicabana foi alvo das críticas ácidas dos editores do jornal *A Plebe*?

O título que estaria estampado durante vários dias na primeira página do *Jornal de Piracicaba* foi publicado pela primeira vez no dia 13 de julho de 1919: “Plano Bolchevista. Saque da Cidade”. Segundo o periódico, o trabalho da brava polícia municipal impediu que “a população ordeira de nossa terra fosse vítima do audacioso atentado [fazendo fracassar, dessa maneira] todo o trabalho dos anarquistas”¹². Além de continuar julgando os operários e de felicitar a ação enérgica e “salvadora” da polícia local, o jornal afirmava que estaria buscando novas informações para manter seus leitores informados do “plano bolchevista ideado por um

¹¹ *A Plebe*, 26/07/1919, fl. 3.

¹² *Jornal de Piracicaba*, 13/07/1919, fl. 1.

grupo de agitadores da classe operária desta cidade, indivíduos que pretendiam aqui implantar a anarquia e o saque na manhã do dia 8 do corrente [mês de julho]”¹³.

De maneira ainda mais pejorativa e valorativa, a matéria publicada pelo jornal no dia 15 de julho identificava os trabalhadores que organizaram o corte dos fios telefônicos da Cia. Bragantina afirmando se tratar de “um grupo de indivíduos que, possuindo idéias bolchevistas planejavam implantar aqui o regime do terror dando começo de execução a esse plano na noite de 7”¹⁴ de julho de 1919. Observou-se os julgamentos e as acusações endereçadas aos trabalhadores que organizaram os cortes dos fios telefônicos da Cia. Bragantina, tais como: “agitadores da classe operária”, “bolchevistas”, “anarquistas sem ideal” e “desordeiros”.

Referências Bibliográficas

BATALHA, Claudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. “A Historiografia da Classe Operária no Brasil: trajetória e tendências”. IN: FREITAS, Marcos Cezar (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 145–158.

GOMES, Luiz R. *Controle Social e Construção da Ordem: o aparelho policial e a disciplinarização da população imigrante – um estudo de caso (Piracicaba)*. Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica. Piracicaba: UNIMEP, 2006.

HALL, Michael e PINHEIRO, Paulo S. “Alargando a História da Classe Operária: organização, lutas e controle”. IN: *Coleção Remate de Males*, n.º 5. Campinas: Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, fev. 1985, p. 96 – 120.

HARDMAN, Francisco F. *Nem Pátria, Nem Patrão!:* memória operária, cultura e literatura no Brasil. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

¹³ Idem. [grifo meu].

¹⁴ *Jornal de Piracicaba*, 15/07/1919, fl. 1.

LARA, Silvia H. “Escravidão, Cidadania e História do Trabalho no Brasil”. IN: *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduandos em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*, nº 16. São Paulo: EDUC, 1998, p. 25–38.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Evaristo de Moraes: justiça e política nas arenas republicanas (1887-1939)*. Campinas: Tese de Doutorado, IFCH, Unicamp, 2004.

PAULILLO, Livia C. “O passar da Banda: a história dos 100 anos da Banda União Operária de Piracicaba (1906-2006)”. IN: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba*. Piracicaba, 2006.

RODIGUES, Leôncio Martins. *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*. São Paulo: Difel, 1966.

SILVA, Fernando Teixeira da. *Operários Sem Patrões: os trabalhadores da cidade de Santos no entreguerras*. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 2003.

SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado: suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 1966.

TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias: idéias e sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas/SP: Ed. Da Unicamp, 2004.

CRUZ, Maria Cecília Velasco e. “Cor, etnicidade e formação de classe no porto do Rio de Janeiro: a Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café e o conflito de 1908”. IN: *Revista USP*, n.68, dez/fev-2005/2006, p. 188 – 209.